

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**WÉLIDA DE ALCÂNTARA SOUZA**

**ENTRE O SABER E O ENSINAR: O DISCENTE DE PEDAGOGIA E O  
ENSINO DE GEOGRAFIA**

**Maceió**  
**2019**

**WÉLIDA DE ALCÂNTARA SOUZA**

**ENTRE O SABER E O ENSINAR: O DISCENTE DE PEDAGOGIA E O  
ENSINO DE GEOGRAFIA**

**Artigo Científico apresentado ao Colegiado do  
Curso de Pedagogia do Centro de Educação  
da Universidade Federal de Alagoas como  
requisito parcial para obtenção da nota final do  
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).**

Orientadora: Dra. MARIANA GUEDES  
RAGGI

**Maceió  
2019**

## Wélida de Alcântara Souza

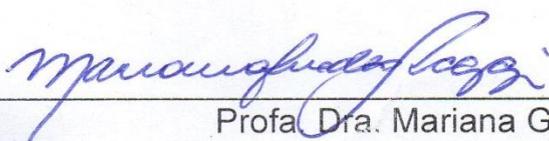
### Entre o Saber e o Ensinar: o Discente de Pedagogia e o Ensino de Geografia

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

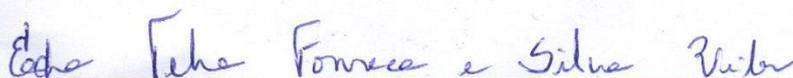
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 11/04/2019.

Orientador: Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi

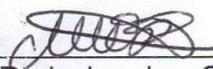
#### Comissão Examinadora



Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Edna Telma Fonseca e Silva Vilar (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos (IGDEMA/UFAL)

## ENTRE O SABER E O ENSINAR: O DISCENTE DE PEDAGOGIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Wélida de Alcantara Souza  
welidalcantara@gmail.com

### RESUMO:

Este artigo busca compreender o papel do ensino da Geografia no processo de formação dos profissionais de educação, pedagogos e pedagogas, a partir da percepção e do diálogo entre a Geografia escolar e a Geografia acadêmica. Para tal, é apresentada a trajetória da *Geografia* como campo do saber e o percurso do pedagogo no papel de professor de Geografia na construção do desenvolvimento do raciocínio geográfico. Por fim, o artigo analisará os relatos de estudantes e egressos do curso de Pedagogia, relacionando o saber acadêmico e o ensinar Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, constatando-se as problemáticas presentes nos processos educativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia, raciocínio geográfico, pedagogia, saber e ensinar.

### 1. INTRODUÇÃO

Falar sobre ensinar Geografia nos anos iniciais do fundamental vai além de enumerar conteúdos e/ou metodologias para serem trabalhados com os estudantes. Compreender o papel da Educação como formador do cidadão consciente, motiva os profissionais desta área a realinhar suas atitudes educacionais às mudanças do sistema de ensino, mantendo uma postura democrática para socializar os saberes e garantir a qualidade do processo educativo.

Com as mudanças ocorridas na educação brasileira, como a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), várias pesquisas e eventos no âmbito acadêmico e social tem promovido reflexões acerca dos saberes que envolvem os processos educativos. Sabe-se que o contexto

escolar brasileiro sempre foi desafiador, mas as mudanças na contemporaneidade exigem do professor modificações nas metodologias de ensino, para tal é necessário que o professor conheça a história da educação e como as distintas perspectivas teóricas influenciaram (e ainda influenciam) os processos educativos. Dessa maneira é fundamental analisar se a trajetória da ciência geográfica, tão mencionada nas aulas de Geografia nas universidades repercute no ensino básico.

Objetivamos compreender o papel do ensino de Geografia no processo de formação dos profissionais de educação a partir da percepção e do diálogo entre a Geografia escolar e a Geografia acadêmica. Para tanto se faz necessário apresentar a história da Geografia e como o pedagogo assumiu o papel de professor de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, dialogando com relatos de estudantes do curso de Pedagogia que ainda não estudaram a disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia 1 e 2 e com egressos deste curso que lecionam na rede pública e privada de ensino, buscando entender a conexão entre a Geografia acadêmica e a escolar.

## **2. ENTRE O SABER E O ENSINAR: O DISCENTE DE PEDAGOGIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

### **2.1 O SABER GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AOS DIAS ATUAIS**

Para compreender a importância do diálogo entre a Geografia acadêmica e a escolar é significativo conhecer a história desta, possibilitando a compreensão de como o raciocínio geográfico, sendo este o modo como observamos e registramos as ações naturais e antrópicas, era notado em cada momento histórico e relevante no ensino.

A palavra “Geografia” é derivada da palavra grega GEOGRAPH, que é composta por dois radicais “GEO” e “GRAPH”, os quais têm como tradução livre: descrição da Terra. Segundo o dicionário Aurélio, Geografia é a “Ciência que descreve detalhadamente a superfície da Terra, estudando seus aspectos físicos, biológicos e as relações entre o meio natural e os grupos humanos”. E por muito tempo esse foi o papel atribuído a esse campo do saber: descrever acontecimentos e características da terra, do espaço geográfico.

Entendendo que a Ciência Geográfica ultrapassa esta definição, o trabalho objetiva abordar um pouco a sistematização desta ao longo da história, os caminhos para chegar à definição de Geografia Escolar e Ciência Geográfica/Geografia acadêmica e qual o papel do professor de Geografia no ensino atual.

O saber geográfico mostrou-se presente desde a antiguidade com a organização social, com a observação dos eventos naturais do universo, contudo essas observações e registros ainda não eram sistematizados como Geografia.

Na Grécia o saber geográfico surge com destaque, quando Erastóstenes de Cirene, um grande Pensador que cuidava da Biblioteca de Alexandria, calculou a circunferência da Terra usando apenas uma estaca de madeira, comparando as sombras produzidas no solstício de verão nas cidades de Siena e Alexandria, assim considerado por muitos como pai da Geografia.

Para Moreira (2014, p. 13) “a trajetória do saber geográfico vem dos séculos I e II de nossa era, quando no primeiro século foi criada por Estrabão e ao segundo, por Claudio Ptolomeu”, concordando assim que as origens do conhecimento geográfico estão na leitura da superfície terrestre e na descrição da paisagem. Estrabão sistematizou o saber geográfico em escala horizontal, relatando a diversidade das paisagens sob ângulo de vista da diversidade nos modos de vida dos seres humanos. Já Ptolomeu descrevia em escala vertical analisando a relação da Terra com o universo. A união destas duas perspectivas só veio a ocorrer no século XVII na obra Geografia Geral (1650) de Bernhardus Varenius.

No processo que se confere a mudança do objeto de estudo da Geografia nos séculos XVIII e XIX, distingue-se Immanuel Kant, o qual exerceu a definição do objeto de estudo desta. Assim Kant:

Entendia que a relação estabelecida entre sujeitos e objetos era mediada pela intuição, onde o sujeito entende o objeto a partir da elaboração de conceitos. Dessa forma o pensamento de Kant traz no sujeito a capacidade de conhecer os fenômenos a partir dos objetos regulados pelo sujeito. Kant acredita que as duas formas de sensibilidade são o espaço e o tempo, sendo o espaço relacionado à

Geografia e o tempo relacionado ao conhecimento dos fatos históricos.” (SANTOS, 2009, Apud Henrique, 2011)

Compreendendo que o saber geográfico já se expandira pelo mundo, vale acentuar que foi na Alemanha, por volta dos séculos XVIII e XIX (devido ao seu contexto histórico), que este saber foi sistematizado como Geografia. Com o expansionismo da França e Inglaterra cada vez mais forte, o território germânico encontrava-se exposto por sua formação em unidades dispersas. Além disso, o capitalismo ganhava força em toda a Europa, a Alemanha não se constituía Estado Nacional, presa ao feudalismo e perdendo forças. Com isso a questão espacial, bem como o sentimento de identidade nacional compreendia a importância para a formação de uma nova Nação. Assim, a Geografia institucionalizou-se na academia e em urgente aplicabilidade no ensino básico, pois a escola representava o espaço perfeito para controlar e reproduzir o discurso que atenderia os interesses daqueles que visavam à consolidação do novo Estado Nacional, a Alemanha.

A Geografia tem sua afirmação como ciência de forma interessante, pois sua necessidade como curso no ensino superior veio posteriormente a sua implementação como disciplina obrigatória no currículo da educação básica. Isto ocorreu devido à necessidade da Geografia Escolar cumprir seu papel nos projetos alemães de unificação e fortalecimento do nacionalismo.

Percebe-se assim que as raízes históricas da Geografia são antigas, ligadas ao saber filosófico, ao pensamento grego e a antiguidade, bem como foi determinante para o processo de consolidação do capitalismo na Europa, enquanto enraizava-se como disciplina escolar e ciência.

No que concerne a sistematização da Geografia, dois nomes aparecem com ênfase, Alexander von Humboldt e Carl Ritter, conhecidos como fundadores da Geografia como ciência. Humboldt foi um explorador/viajante, o qual sistematizou suas ideias com base na prática por ele vivida. Ritter dedicou a pesquisa e atuava como professor. Estes se tornaram responsáveis pela primeira corrente de pensamento geográfico: a Geografia Tradicional. Ritter estudava/pesquisava sobre a individualidade dos lugares, enquanto que Humboldt dedicava-se aos estudos referente à Terra.

A Geografia Tradicional dedicava-se ao estudo dos aspectos físicos, ou seja, aos aspectos visíveis, concretos, descrevendo e classificando seus fenômenos. Aceitando apenas as interpretações advindas das ciências da natureza, não assumindo nenhuma ligação com social. Assim o material destinado a Geografia Escolar era meramente descritivo, abstendo-se da chamada Geografia Humana, provocando uma dicotomia no saber. O ideal era “decorar” os dados fornecidos, pois estes eram uteis e verdadeiros.

A Geografia Tradicional é diretamente ligada ao Positivismo, que exigia um objeto de estudo, por conta de sua fragmentação para melhor sistematizar o saber (Geografia Física, Geografia Humana, Geografia Geral, Geografia Regional...) dificultou a definição desse objeto de estudo.

Na França, o desenvolvimento da Geografia como Ciência é destacado pelos trabalhos de Vidal de La Blache, o qual teve grande contribuição para o desenvolvimento do Saber Geográfico.

A Geografia escolar ainda apresenta-se como disciplina desinteressante, preocupando-se com a apresentação de conteúdos fragmentados, sem contextos, de mera decoração, abrindo então brechas para pensar numa nova Geografia.

Esta nova Geografia surgiu nos Estados Unidos em meados do século XX, apoiando-se nas mudanças políticas, científicas e sociais advindas pós Segunda Guerra Mundial. Diferenciava-se da Geografia Tradicional apenas na atualização da forma, mantendo o conteúdo. Construindo um arcabouço instrumental técnico. Apresentando assim uma nova roupagem para a Geografia Tradicional.

Esta não tinha pretensão de ser reconhecida na Geografia Escolar, pois se objetivava em auxiliar dirigentes no planejamento e intervenção espacial. A herança deixada por essa corrente são as orientações teórico-metodológicas: tabelas, gráficos, quadros.

A década de 1970 representa um marco na historicidade da ciência geográfica com o surgimento de uma nova corrente, a Geografia crítica. Essa nova escola da geografia apresenta um saber geográfico questionador, que tende a romper com os métodos da Geografia Tradicional e da Quantitativa. Por sua vez apontou características sócio-políticas, mostrando sua importância para entender e problematizar ordem vigente.

Segundo Moreira (1992, p. 14) “a geografia, através da análise dialética do arranjo do espaço, serve para desvendar máscaras sociais, vale dizer, para desvendar as relações de classes que produzem esse arranjo”, Com a Geografia Crítica passou-se a analisar a relação da natureza e da sociedade para a construção do espaço geográfico e a realidade agora pode ser mutável e permeada por ações que o problematize em ações sócio-política.

O papel principal da Geografia crítica no ensino de Geografia foi no questionamento e na dicotomia existente entre Geografia Física e Geografia Humana. Para tanto, a efetivação desta em sala de aula exigia do professor mais que mera competência técnica, mas compromisso ético, político e estético.

As mudanças educacionais ganharam força no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo com a LDB. A abertura no processo democrático permite a ampliação dos referenciais educacionais e mediante as novas orientações no processo educativo, o trabalho do professor de Geografia foi se reconstruindo e a visão desta como papel importante na construção social do indivíduo, este compreendendo o local e o global.

A Obra *Por uma Geografia Nova*, de Milton Santos é um marco na História da Geografia no Brasil, pois concebia o espaço como formador do indivíduo, agora, sócio-espacial.

A Geografia Crítica, juntamente com outros fatores, propiciou a mudança na Geografia Escolar, renovando a maneira de pensar sobre o ensino desta. Agora a Geografia não é apenas ensinada por técnicas e saberes acríticos, decorados, e sim uma disciplina escolar que possa legitimar o sujeito e novas ordens.

## 2.2 O PEDAGOGO NO PAPEL DE PROFESSOR DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Para entender como se caracteriza a Pedagogia nos dias atuais é importante mencionar as influências sócio-políticas da sociedade no momento temporal vivenciado, caracterizadas pelos movimentos sociais e filosóficos, constituindo assim as práticas pedagógicas no país.

A História da Educação no Brasil passou por várias tendências, que possibilitaram, a partir de diversas influências reconhecer e refletir sobre a Pedagogia na contemporaneidade. Tais tendências, segundo Saviani (1989) e Libâneo (1992) dividem-se em duas grandes correntes de pensamento: Tendências Liberais (Tradicional, Renovadora Progressista, Renovadora não diretiva-Escola Nova, Tecnicista) e Tendências Progressistas (Libertadora, Libertária, Crítico-Social dos conteúdos ou Histórico-Crítica). Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) passam a serem adotados procedimentos ligados à psicopedagogia e com perspectivas sócio-histórica e interacionista, compreendendo que o conhecimento se dá pela relação entre o sujeito e o objeto. Logo, a Pedagogia torna-se a ciência que estuda a educação e as metodologias de ensino, buscando facilitar a aprendizagem, permitindo ao aluno ser coautor do conhecimento.

Nesse artigo, refletiremos o papel do ensino de Geografia na compreensão do mundo, na análise das distintas ações humanas presentes nas diversas sociedades. Ao fazer a leitura de mundo, os alunos são estimulados a pensar espacialmente, promovendo a formação do conceito de identidade, compreendendo aspectos fundamentais da realidade. O Pedagogo no papel de professor de Geografia precisa saber então quais os procedimentos de ensino são necessários para desenvolver em seus alunos o raciocínio geográfico. Para isso, é fundamental promover alguns questionamentos: “O que ensinar?” e “Como Ensinar?”, para que o ensino de Geografia possa produzir nos estudantes dos anos iniciais um raciocínio espacial capaz de torná-los cidadãos atuantes e críticos por espaços de direito?

A grande contribuição da Geografia aos estudantes dos anos Iniciais do Fundamental é o desenvolvimento do pensamento espacial, com estímulo ao

raciocínio geográfico para a interpretação do mundo em permanente transformação, para também saber representá-lo. Para isso se faz necessário à apropriação de conceitos comuns a este meio. Dessa forma o Pedagogo no papel de Professor de Geografia estimulará o aluno a pensar sobre o espaço geográfico.

Straforini (2018) faz uma reflexão sobre o ensino de Geografia para as crianças dos anos iniciais:

Mas o ensino de Geografia para crianças apresenta características muito próprias no seu fazer. Todavia, essas características do fazer pedagógico, ou seja, do ensinar Geografia para crianças tem levado, durante muito tempo, a uma visão distorcida do conceito de espaço geográfico por não considerar corretamente a parceria entre os pressupostos educacionais e geográficos. Quando isso ocorre o resultado da pesquisa é parcial porque desenvolve apenas uma parte. (Straforini, 2018, p. 97)

É quase unânime o entendimento que o ponto de partida para a elaboração de planejamentos de aula, projetos pedagógicos para ensinar qualquer conceito geográfico tem de destacar a realidade do aluno, falar de sua cotidianidade, fazendo com que os alunos sejam estimulados a pensar espacialmente, relacionando os componentes da sociedade e da natureza, contemplando os aspectos geográficos (saberes) como também os pedagógicos (metodologias de ensino).

As indicações para o ensino no Brasil destacam o estudo da realidade do aluno, entendo que essa realidade é de múltiplas relações. O raciocínio geográfico proporciona a compreensão que somos ativos na produção do espaço geográfico, sabendo que este está em constante movimento.

A BNCC apresenta o quadro abaixo, destacando a contribuição do raciocínio geográfico para o ensino-aprendizagem dos conteúdos de Geografia nos anos iniciais do fundamental:

Fig. 1- Quadro BNCC sobre o Raciocínio Geográfico

## QUADRO 1 – DESCRIÇÃO DOS PRINCÍPIOS DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
<b>Analogia</b>	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
<b>Conexão</b>	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
<b>Diferenciação*</b>	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
<b>Distribuição</b>	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
<b>Extensão</b>	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
<b>Localização</b>	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
<b>Ordem**</b>	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Fontes: FERNANDES, José Alberto Rio; TRIGAL, Lourenzo López; SPÓSITO, Eliseu Savério. **Dicionário de Geografia aplicada**. Porto: Porto Editora, 2016.  
\* MOREIRA, Ruy. A diferença e a geografia: o ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 41-58, 1999.  
\*\* MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 35-49.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular

Segundo a Base Nacional Curricular (BNCC), existem sete competências específicas para o ensino fundamental que os alunos devem compreender nos anos iniciais com o ensino de Geografia. São elas:

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.
3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

Para desenvolver tais competências a BNCC organiza os principais conceitos da Geografia contemporânea em “Unidades Temáticas”, diferenciando a metodologia em níveis de complexidade, abrangendo todos os anos do ensino fundamental, entendendo que para o estudo aprazível do espaço geográfico se faz necessário que os estudantes conheçam outros conceitos operacionais que expressam aspectos diferentes, tais como: Território, Lugar, Região, Natureza e Paisagem.

As **unidades temáticas** propostas no documento são: “O sujeito e seu lugar no mundo”, “Conexões e escalas”, “Mundo do trabalho”, “Formas de representação e pensamento espacial”, “Natureza, ambientes e qualidade de vida”, contemplando estes os conteúdos previsto nas leis que norteiam a educação brasileira.

Em virtude das diversas dificuldades enfrentadas na jornada de trabalho, alguns professores sentem-se inseguros e optam em manter atitudes conservadoras, mantendo rituais de ensino, com processos rotineiros e repetitivos em sala de aula. Assim é comum aos professores definir os conteúdos de suas aulas a partir da sumarização do livro didático, o que pode ser interpretado como dificuldade de orientar-se no que realmente é importante para aquele delineamento da sociedade. Para Cavalcanti (2015):

Os livros didáticos e outros materiais de apoio ao professor, em princípio, têm uma proposta de temas a serem trabalhados de modo articulado e sequencial, em cada um dos anos escolares, coerentemente com os pressupostos teóricos e metodológicos do autor ou dos autores, que, por sua vez, procuram seguir, na maioria dos casos, as orientações curriculares da política oficial. (CAVALCANTI, 2015, p. 131)

As propostas dos materiais didáticos devem aproximar-se ao máximo com a proposta do professor ao definir suas metodologias e não ser algo a cumprir a risca, sobressaindo as singularidades do ensino, os professores entendendo isso assumem a organização de suas aulas, tendo o livro didático como apoio, porém o usando de forma crítica, entendendo as possíveis mudanças ao seu cotidiano.

O Pedagogo no papel do Professor de Geografia nos dias atuais tem um aliado presente em todas suas práticas: a globalização. Com os meios de comunicação tão disseminados na educação e dia a dia é impossível separar o local do global. Mostrando que a realidade a qual se deve partir o ensino não está fragmentada e/ou desconectada, que esta faz parte de uma totalidade.

Dessa forma, o ensino de Geografia será mais que um processo de memorização e reconhecimento de características, resultará num processo desafiador, proporcionando um conhecimento investigativo, no qual os protagonistas poderão estimular a curiosidade, problematizar, descrever suas constatações e buscar entendimentos e/ou soluções para potencializar o conhecimento adquirido. O pedagogo como professor de Geografia media tal experiência articulando com os conteúdos exigidos na perspectiva sócio-política, que sistematiza o ensino e garantindo o protagonismo destes.

### 2.3. PESQUISA SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Em vários campos da educação, as dificuldades dos professores têm sido pensadas, sejam elas estruturais ou de formação inicial e continuada.

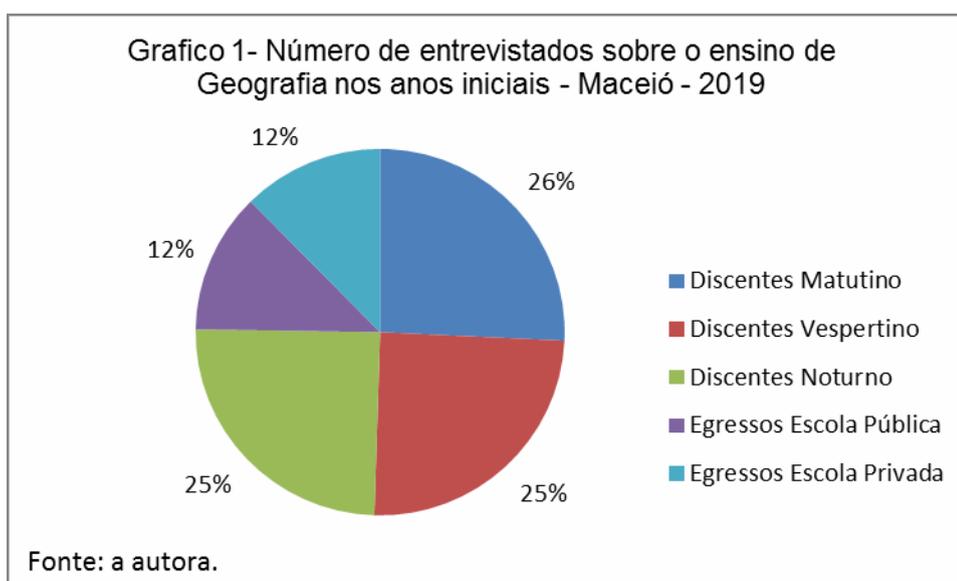
Entender o para quê ensinar e como ensinar tem acompanhado as discussões do campo da educação ao longo do tempo. Refletir sobre as experiências vivenciadas nos espaços universitários e a transposição para a educação básica assume preponderância significativa.

Para observar o caminho percorrido entre o Saber e o Ensinar Geografia nos anos iniciais, a fim de se perceber como o saber apreendido na universidade transformou as práticas pedagógicas do ensino de Geografia a metodologia escolhida para a realização foi a entrevista. As entrevistas foram realizadas com estudantes do sexto período de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (período que antecede a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia I e II) e Egressos deste curso que atuam como professores no ensino público do estado de Alagoas.

Os questionários possuem perguntas de cunho quantitativo e qualitativo, buscando entender os precedentes e os consequentes da prática pedagógica. Observando no recorte escolhido se há alguma influência para as metodologias escolhidas para o ensino de Geografia.

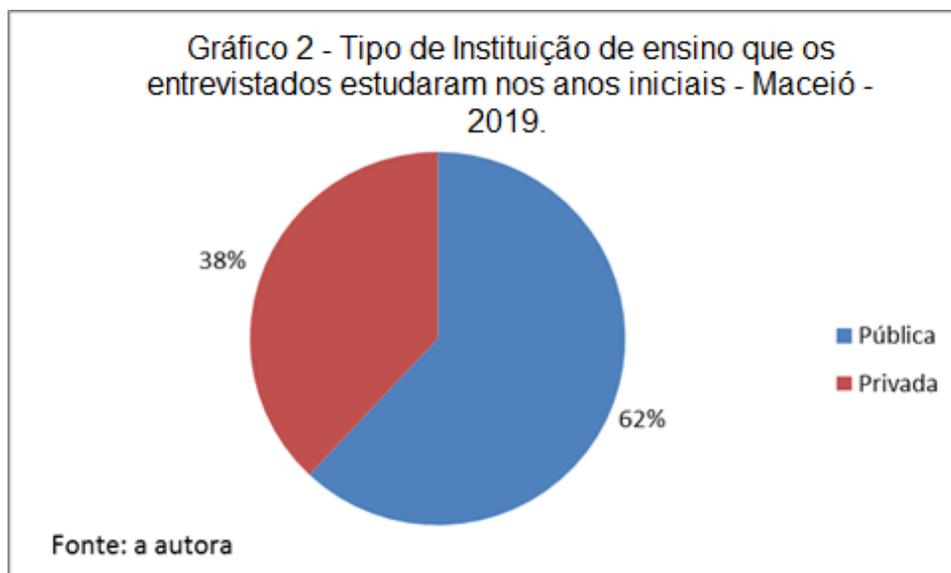
### 2.3.1 Análise dos dados colhidos

As entrevistas foram realizadas com dez pessoas, sendo seis discentes (duas de cada turno) de Pedagogia em uma universidade Federal do Nordeste e quatro com egressos deste curso (duas em atividade em rede privada e duas em rede pública).



Analisando o gráfico 1, contata-se que 26% dos entrevistados sobre o ensino de Geografia nos anos iniciais são discentes matutino, 25% são discentes vespertinos, 25% são discentes noturno, 12% são egressos que lecionam em escola privada e 12% são egressos que lecionam em escola

pública. Diante disso, esses dados nos mostram que as entrevistas buscaram apresentar dados de todos os turnos que disponibilizam o curso na Universidade Federal de Alagoas, bem como a atuação na rede pública e privada.



De acordo com o gráfico 2, identificamos que 62% dos entrevistados estudaram em escolas públicas e 38% em escolas privadas. Essa questão serviu com comparativo nas respostas seguintes, visto que a escola pública teve em seu currículo a disciplina Estudos Sociais até meados dos anos 2000 e as privadas nesse mesmo período ensinavam as disciplinas de Geografia e História.

#### *Discentes do curso de pedagogia UFAL*

Ao responderem a pergunta “O que é Geografia?”, as discentes a conceituaram como “o estudo da Terra”, “uma ciência que estuda os fenômenos naturais e sócio-políticos”, “a área responsável pelo estudo de mapas”. Nota-se que as entrevistadas estão ainda atreladas a ideia de Geografia como uma ciência da Terra, ciências naturais. Essa concepção tradicional presente nos estudantes marca e denuncia a forte influência de uma Geografia distante das problemáticas socioespaciais e cotidianas. Dentre as entrevistadas apenas uma associou a Geografia a área sócio-política: “É a ciência que estudou os fenômenos naturais da terra e sócio-políticos”.

Em relação às perguntas “Qual a importância da Geografia nas séries iniciais?” e “Você tem lembranças do ensino de geografia?” Explicitando suas

memórias a conteúdos gerais, dados decorativos. Podemos notar na fala da entrevistada 3, que responde: *“a importância de estudar geografia nas séries iniciais consiste em desenvolver a aprendizagem sobre o desenvolvimento geográfico e populacional da terra de forma mais básica e preparar para os próximos ciclos os conteúdos mais abrangentes”*. As respostas mostram que as entrevistadas consideram a Geografia e sua importância nos anos iniciais como compreensão dos espaços naturais, mapas e a explicitação de dados estatísticos (população, taxas de mortalidade e natalidade, etc.), entretanto também foi destacado as metodologias de ensino e a possibilidade de interesses específicos para a disciplina como na descrito pela entrevistada 7: *“É importante pois quando o assunto se desenvolve cedo e com maior tempo para aprendizagem tem maior facilidade para internalizar e também pelo fato de nas séries iniciais os professores fazerem mais atividades lúdicas possibilitando o prazer na disciplina”*, apresentando características da pedagogia sócio-crítica dos conteúdos, na qual o professor parte do conhecimento/interesse prévio do aluno e o leva a pensar no todo, assim:

Entretanto, mais do que restringir-se ao malfadado "trabalho em grupo", ou cair na ilusão da igualdade professor-aluno, trata-se de encarar o grupo-classe como uma coletividade onde são trabalhados modelos de interação como a ajuda mútua, o respeito aos outros, os esforços coletivos, a autonomia nas decisões, a riqueza da vida em comum, e ir ampliando progressivamente essa noção (de coletividade) para à escola, a cidade, sociedade toda. (LIBANEO, 1992, p.16)

Quanto a questão “Você tem alguma dificuldade para associar os assuntos de Geografia ao seu cotidiano?” as discentes relataram que “*não*”, que as dificuldades com os saberes geográficos como “diferenciar direita e esquerda”, “orientar-se por mapas” “encontrar norte, sul, leste e oeste” são superadas pela própria Geografia no âmbito da globalização, visto que a tecnologia auxilia nessa compreensão (app de smartphone).

As perguntas “Como a Geografia pode contribuir para a construção do conhecimento nos anos iniciais?” e “Quais metodologias você usaria para ensinar Geografia?” também se embasaram nos saberes pedagógicos, as metodologias apresentadas são iniciativas de romper com a pedagogia tradicional, buscando atrair os interesses dos estudantes para os conteúdos

trabalhados. As respostas a importância de ensinar conecta-se com o cotidiano e a sensibilização ao tema proposto, buscando a interdisciplinaridade e aulas práticas com visitas para observações e autonomia do/no conhecimento.

A última pergunta para este grupo foi “Quais as suas expectativas para as disciplinas de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia 1 e 2?” as discentes relataram que estão no aguardo de disciplinas mais práticas, compreender não apenas os conceitos, mas também como usá-los.

O distanciamento entre a Geografia escolar e a acadêmica nas falas das discentes que ainda não estudaram as disciplinas de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia 1 e 2, é notável. Os conteúdos que foram associados a disciplina de Geografia nos anos iniciais confundem-se com os dos demais anos, e a estas buscam maior dinamicidade no ensino, tanto em sua formação acadêmica quanto na futura docência.

#### *Egressos do curso de Pedagogia UFAL*

Questionamentos semelhantes foram realizados com os entrevistados na categoria de egressos do curso de pedagogia. Quanto a pergunta “O que é Geografia?” as respostas apresentam posicionamentos distintos. A entrevistada 1 respondeu “ciência que estuda o espaço no qual vivemos” e a 2 respondeu “é a ciência que estuda por compreender o espaço e a relação que ele possui com o ser humano”, e entram em consenso quanto a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais, relatando que o ensino de Geografia é “estudar o espaço a partir da visão do ser humano” e “a de estimular a criança a observar e compreender as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e sua transformação dela pela ação da coletividade (homem)”. Ainda é comum a associação dos conteúdos de Geografia a análises estatísticas, a dados que precisam ser decorados para o uso em avaliações externas e que não consideram a realidade pessoal e cultural de cada escola. No entanto é importante entender o estudo da Geografia como na definição de Callai (2005):

Fazer a análise geográfica significa dar conta de estudar, analisar, compreender o mundo com o olhar espacial. Esta é a nossa especificidade – por intermédio do olhar espacial, procurar compreender o mundo da vida, entender as dinâmicas sociais, como se dão as relações entre os homens e quais as

limitações/condições/possibilidades econômicas e políticas que interferem. (CALLAI, 2005, p. 11)

A preocupação no ensino-aprendizagem dos Saberes Geográficos é perceptível quando perguntadas sobre as dificuldades do ensino, as professoras relataram que sempre que possível adaptam os materiais as aulas, mas que a falta de recursos muitas vezes atrapalha o bom andamento das atividades propostas. A entrevistada 2 relata: “Levo recursos didáticos e tento adaptá-los a realidade escolar. Tento conhecer a visão dos alunos sobre o lugar e fazer com que eles relacionem o conhecimento escolar à própria vida”. O relato das entrevistadas mostra como tudo que o professor escolhe usar em sala de aula apresenta significância no ensino-aprendizagem. Apesar de relatarem o pouco tempo para o planejamento das aulas, as professoras entrevistadas relatam que seguem o plano anual de ensino e usam as metodologias adequadas a realidade de cada sala de aula, aos interesses e a realidade do contexto em que as aulas são ministradas. A autonomia do aluno faz parte do processo educativo, as aulas de Geografia auxiliam para a construção dessa formação, como dito por uma das entrevistadas “Procuro levar em conta que o estudante é sujeito ativo da sua formação e tudo começa do que já sabemos, através de mapas, ilustrações da rua, do bairro, no sentido de orientação, distancia, localização”. Cavalcanti (2010), diz:

Nesse sentido, o papel diretivo do professor na condução do ensino está relacionado às suas decisões sobre o que ensinar, o que é prioritário ensinar em Geografia, sobre as bases fundamentais do conhecimento geográfico a ser aprendido pelas crianças e jovens, reconhecendo esses alunos como sujeitos, que têm uma história e uma cognição a serem consideradas. (CAVALCANTI, 2010, p. 3)

Quando deparadas com as diferentes realidades escolares as pedagogas no papel de professoras de Geografia assumem a responsabilidade de ser mediadoras do saber geográfico, e usam as metodologias disponíveis para o ensino adequado para o aprendizado autônomo dos estudantes.

A disciplina Saberes e metodologias do ensino de Geografia 1 e 2 possibilitaram a mudança no pensamento de o que é a Geografia, na formação inicial das entrevistadas, pois nesta o discente de Pedagogia entende o porquê ensinar e o que ensinar nos anos iniciais, respeitando os níveis de

complexidade de cada ano, de maneira a explorar o raciocínio geográfico e organizar os principais conceitos da Geografia contemporânea em seu planejamento de aula.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inquestionável a importância de refletirmos sobre o Saber e o Ensinar Geografia, e o pedagogo no papel do professor nos anos iniciais deve entender que as metodologias devem ser adequadas à compreensão de sociedade, considerando a dinâmica espacial que incitam mudanças no cotidiano dos envolvidos no processo educativo, e conseqüentemente na sua relação com a totalidade.

Logo a aproximação da Geografia escolar e a acadêmica é fundamental para a formação de sujeitos com autonomia, capazes de compreender uma realidade em constantes transformações e contradições, no sentido de participar e poder construir mudanças em seu ideário. Dessa forma o raciocínio geográfico permite ao estudante participar com indagações, registros, análises e atividades diversas na compreensão do estudo do seu meio de vida e a ligação e influencia com o mundo.

Para entender a importância do Ensinar Geografia foi destacado a trajetória da Geografia escolar e acadêmica, dando destaque para a importância de entender que a Geografia surgiu primeiramente na escola e posteriormente teve sua notoriedade na academia. Assim também foi explicitado a trajetória da Pedagogia no Brasil para a compreensão de como o pedagogo assumiu o papel de professor de Geografia, para então questionar os discentes de Pedagogia em uma Universidade Federal do Nordeste sobre a relevância do estudo dos Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia na formação do pedagogo e seu uso nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O pedagogo sempre estará entre o saber e o ensinar, essa deve ser a motivação para a formação continuada de seus estudos, para poder relacionar suas metodologias de ensino com o espaço geográfico, pois este está em constante mudança e se faz necessário o estudo contínuo para compreender seus processos educacionais.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Campinas São Paulo, 2005.

CAVALCANTI. Lana de Souza. A Geografia E A Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O Ensino de Geografia na Escola. Campinas, SP: Papyrus editora, 3ª reimpressão, 2015

MENEZES, Victória Sabbado. A Historiografia Da Geografia Acadêmica E Escolar: Uma Relação De Encontros E Desencontros, Rio Grande do Sul, 2015.

MOREIRA, Ruy (Org.) A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: Geografia: teoria e crítica ; o saber posto em questão. Petrópolis: Vozes, 1982.

MOREIRA, Ruy. O discurso do avesso: para a crítica da geografia que ensina. São Paulo: Contexto, 2014

SAVIANI. Dermeval. Escola e democracia. 31 ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

STRAFORINI, Rafael. A Totalidade Mundo Nas Primeiras Séries Do Ensino Fundamental: Um Desafio A Ser Enfrentado, Terra Livre, São Paulo, Ano 18, vol. I, n. 18, P. 95-114, JAN.-JUN./2.002

THIESEN, Juarez da Silva. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino, Minas Gerais, 2010.

Base Nacional Comum Curricular – BNCC. 4.4.1 Geografia, Disponível: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/geografia>  
acesso: Fevereiro 2019

Dicionário Aurélio Online. Disponível:  
<https://www.dicio.com.br/geografia/>  
acesso: Fevereiro de 2019.

FOGAÇA, Jeniffer. Tendências pedagógicas brasileiras. Disponível: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/tendencias-pedagogicas-brasileiras.htm>  
acesso: Março de 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: \_\_\_\_\_ .Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1. Disponível : <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo>  
Acesso: Março de 2019

LIMA, Jonas Henrique, Kant e sua Influência na Geografia, 2011. Disponível: <https://jonashenriquelima.wordpress.com/2011/07/04/immanuel-kant-e-sua-influencia-no-pensamento-geografico/>  
acesso: Fevereiro de 2019.